

OS CONTRADISCURSOS ELABORADOS PELAS COMUNIDADES NEGRAS NA LUTA PELA VALORIZAÇÃO ESTÉTICA DE SUAS MULHERES DE 1930 A 1948.

Joyce Gonçalves Restier.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – PPGCIS

E-mail: joycegoncalves@aluno.puc-rio.br

Resumo

O início do século XX foi um momento importante na disseminação dos ideais eugênicos no Brasil. Intelectuais eugenistas participavam diretamente da formulação de um projeto de nação que levaria o Brasil ao progresso tão almejado. Um dos focos das políticas públicas propostas se referia à questão da raça transformando assim as comunidades negras em seu público alvo. Estas por meio de seus jornais mantinham a comunicação com seus pares na tentativa de aparelhar a emancipação e a integração social principalmente com o incentivo à educação formal. Assim como a classe intelectual eugenista, as comunidades negras neste período estruturaram sua representação em torno da estética e da apresentação de suas mulheres. Estas seriam responsáveis pela disseminação dos predicados da comunidade. No entanto, a grande imprensa mantinha em suas publicações apenas referenciais femininos brancos o que refletia seu anseio de branqueamento e valorização da estética feminina branca. O presente artigo é parte da discussão desenvolvida na dissertação de mestrado e aborda as reelaborações discursivas das comunidades negras recorrendo às imagens das vencedoras dos concursos de beleza negra em 1930 e em 1948.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Eugenia, Beleza negra, Discursos.

Introdução

O presente artigo como parte da discussão desenvolvida na dissertação de mestrado “Nós também somos belas: A construção social do corpo e da beleza em mulheres negras” aborda as reelaborações discursivas constituídas por meio da veiculação de imagens das vencedoras dos concursos de beleza negra organizados pelos jornais da imprensa negra em São Paulo e pelo Teatro Experimental do Negro no Rio de Janeiro em 1930 e em 1948, respectivamente. As imagens retratam dois momentos distintos da luta antirracista e da elaboração de contradiscursos.

Estes momentos são caracterizados pelo fato do início do século XX ter sido um momento importante na disseminação dos ideais eugênicos no Brasil onde intelectuais eugenistas participavam diretamente da formulação de um projeto de nação que levaria o Brasil ao progresso tão almejado. Estes homens conseguiram juntamente com o Governo Vargas abertura para entrada no governo e, assim, colocando em prática algumas de suas teorias. Uma delas estava entrelaçada com o termo Higiene. Higienizar o povo brasileiro seria torna-lo mais inteligente, mais limpo e mais branco e para isso um dos focos das políticas públicas seria inevitavelmente à questão da raça transformando as comunidades negras em seu público alvo.

Estas por meio de seus jornais mantinham a comunicação com seus pares na tentativa de aparelhar a emancipação e a integração social principalmente com o incentivo à instrução, a educação moral e às modificações de comportamento. Assim como a classe intelectual eugênica, as comunidades negras neste período estruturaram sua representação em torno da estética e da apresentação de suas mulheres. Estas seriam responsáveis pela disseminação dos princípios da comunidade. No entanto, a grande imprensa mantinha em suas publicações apenas referenciais femininos brancos o que refletia seu anseio pelo branqueamento e valorização da estética feminina branca. É a partir deste contexto que os jornais e associações negras movimentam a sua realidade evidenciando em suas páginas, cosméticos e utensílios específicos para o seu público assim como a criação de concursos de beleza, onde os predicados da beleza negra eram enaltecidos, valorizados e seriam assim exemplo para toda a sociedade.

A Eugenia no Brasil.

As relações estabelecidas entre o corpo social e a beleza, onde as aparências físicas agregadas aos discursos sobre o belo firmaram-se como referência de normalidade e saúde, persiste no decorrer dos séculos modificando visões de mundo e imprimindo no corpo feminino o pensamento e o desejo masculino a respeito da feminilidade e de seus papéis sociais. Desta maneira, os discursos de cientistas e políticos sobre a beleza e a forma como esta era e seria representada pelos corpos femininos foi construída, valorizando alguns traços e atributos físicos e simplesmente rechaçando outros. Transformou-se, então, o belo em algo único, formado apenas por um modelo que seria o referencial.

Este modelo foi elaborado a partir do julgamento de disciplinas europeias que amparavam tanto a arte quanto a ciência, que impregnadas de teorias racialistas reduziram corpos femininos negros e indígenas a objetos de pesquisa, de curiosidade e espetáculo, bizarros e feios, desde a cútis até a dimensão de suas formas. Neste contexto foi elaborada uma composição de ideal estético por todo o século XIX, tendo, segundo Braga (2015), na imagem do corpo da mulher negra, representado pela Vênus Hotentote (Saartjie Baartman)¹ um caminho para a construção dos discursos sobre os corpos de negros e negras, vejamos:

"[...] paralelamente ao trânsito de negros para a Europa, trazidos para a diversão dos europeus era crescente o desenvolvimento do conhecimento científico pautado nas diferenças raciais e sexuais que atestavam a inferioridade não apenas dos africanos, mas também de indígenas e outros povos vítimas do imperialismo e da dominação colonial. Durante todo o século XIX, assistiu-se à exibição de africanos em

¹ Saartjie Baartman, nascida em 1789, na África do Sul, segundo Braga (2015, p.39), pertencia ao povo Khoisan, considerada a mais antiga etnia humana estabelecida da parte meridional da África. Foi adotada aos 10 anos por uma família de agricultores holandeses na condição de serva e por não saberem o nome de batismo foi chamada de Saartjie (pequena Sara), herdando o sobrenome da família adotiva Baartman. Sobre a história de Saartjie, ver DAMASCENO, Janaína. "O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote".

feiras,' teatros, circos e exposições. Ao lado de animais, ao mesmo tempo em que se expunham para deleite dos europeus, foram observados e estudados como elementos capazes de confirmar teorias médicas eugenistas, que versavam acerca da superioridade da raça branca. Dentre os grupos de raça inferior, a mulher em particular, figurava como ainda mais inferior, uma vez que limitada sua capacidade racional em detrimento de seu instinto" (BRAGA, 2015, p. 41).

E ainda:

"Nesse ambiente, a diferença racial atuou como mola propulsora capaz de gerar uma distância abismal entre europeus e africanos. Assim, lado a lado com os monstros humanos, as diferenças raciais foram a princípio objeto do espetáculo, [...]. Nesse palco a hotentote será a prova final do parentesco entre o animal, o monstro e o selvagem" (Idem, p. 40).

Percebemos então que o corpo da mulher negra sul africana, escravizada e por razão seus traços físicos apresentarem particularidades de sua etnia (hotentote), esta foi utilizada, por meio da manipulação e estudo minucioso de sua composição corporal, como um dos exemplos para atestar a inferioridade e a hipersexualização de africanos. Observa-se com isso que as características físicas africanas, assim como suas atitudes corporais, foram categorizadas como oposto ao modelo estipulado ideal que era a imagem grega de Vênus. Desta maneira, o que não se assemelha ao belo, é considerado feio. Em uma nação que busca o progresso, tendo a escravidão negra perdurado por quase três séculos, o Brasil tem na miscigenação um fator de impedimento para a beleza de seu povo e avanço rumo à modernização, segundo os cientistas na época.

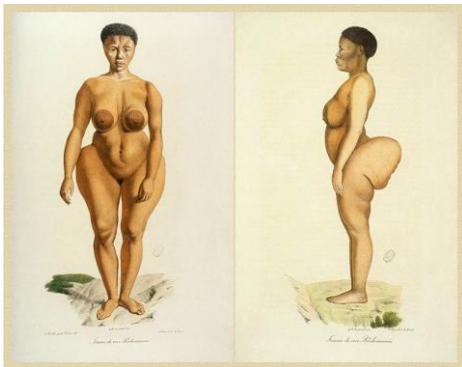


Ilustração de Vênus Hotentote – desenho duplo 1824.



Corpo de Saartjie Baartman no Museu do Homem – Paris.

A política e a estética, no início do século XX, estabeleciam uma relação de complementaridade. Havia um interesse estético nas políticas implementadas pelos governos nazifacistas e estadonovistas, o embelezamento das raças seria a redenção e o aprimoramento necessário para o progresso dessas nações (Flores, 2007). Quanto mais belo o povo, maior o seu aprimoramento moral e espiritual e conseqüentemente mais moderna a civilização. Isso, de acordo com a autora, se dava pelo fato de que:

"a estética moderna se desenvolve pari passu com o desenvolvimento das teorias raciais. Os debates em torno da estética e das noções de feio e belo forneceram instrumentos discursivos para classificar,

hierarquizar e dividir as culturas da Terra, no contexto da partilha do mundo entre as nações imperialistas" (FLORES, 2007, p. 41).

A constituição dos Estados-nação estava baseada em uma cultura de raça alicerçada pelas teorias racialistas que delineavam os perfis dos povos no cenário mundial. A cultura de raça foi, então, a "tecnologia que empregou métodos de eugenia, lamarkiana ou galtoniana, a fim de melhorar e embelezar a raça, já que da beleza da raça dependia a marcha da evolução humana" (Idem, p.15). Eugenia e beleza estiveram interligadas. A beleza de um povo passa a ser parte da busca dos países em fase de modernização, condição em que se encontrava o Brasil. Porém, a especificidade brasileira, por ser um país miscigenado, trazia alguns impasses para a conquista do progresso representado pela estética do povo. Como transformar um povo mestiço em belo, quando a beleza estava atrelada ao aprimoramento moral e espiritual e ainda era a característica para o progresso da nação?

Procura-se, então, uma adaptação ao radical discurso científico estrangeiro. Os pensadores brasileiros procuraram, assim, adequar a realidade social à modernidade científica, oportunizando e visualizando meios para que o país pudesse se modernizar e alcançar status junto aos países "civilizados". Estes países ao se integrarem ao capitalismo como meio de produção, trabalharam com os interesses de frações de classe na constituição de suas políticas de Estado. Para a manutenção de um Estado produtivo, o capital exigia corpos saudáveis, pois, assim como na realidade brasileira, os países europeus nos séculos XVIII e XIX, tinham a sua massa operária em condições de miserabilidade com altos índices de mortalidade, o que impossibilitava o progresso deste modelo econômico. Desta maneira, conforme Soares (2012, p.19), "se os 'corpos saudáveis' eram uma exigência do capital, os 'corpos doentes' não deveriam ser considerados produto das condições de vida geradas pelas relações de produção inerentes a esse modelo econômico".

Nesta conjuntura, juntamente com médicos, sanitaristas, políticos e educadores, os eugenistas buscavam a inserção do Brasil no mundo moderno e industrializado. Para isso seria necessário pensar a identidade nacional, dentro de suas especificidades, uma delas a mestiçagem, onde estávamos enquadrados enquanto feios e degenerados, outra era a condição sanitária, que influenciava na saúde da população, e ainda a educação, "afinal como imaginar uma nação brasileira moderna olhando para a miséria, as doenças e o analfabetismo?" (Santos, 2006, p. 313). A criação de uma raça nacional seria, portanto, "imprimir no corpo do cidadão, não só sentimentos, uma língua comum e símbolos nacionais, mas também um tipo psicológico e um tipo físico" (Flores, 2002, p. 291). Este tipo físico seria o belo, baseado na Antiguidade clássica, nos corpos

gregos, onde harmonia corporal estava conjugada ao caráter moral e à pureza de espírito, que, por fim, afastaria a imagem brasileira da degeneração racial.



Vênus de Milo, s/d.

Para alguns intelectuais eugenistas, a beleza era algo natural e os males causados pelos vícios, alimentação, maus hábitos culturais e higiênicos poderiam causar a feiúra. "Identificar o indivíduo como feio era considerá-lo inapto para o trabalho, degenerado e incivilizado" (Diwan, 2002, p. 424). Considerando os moldes para ser considerado belo e o posicionamento negativo das correntes intelectuais sobre os mestiços, qual a parcela da população a ser considerada inapta ao trabalho, preguiçosa, doente e incivilizada? Justamente a porção pobre da sociedade brasileira, a nova classe operária que crescia com a migração das zonas rurais e o processo de industrialização, se aglomerando nos centros urbanos.

Neste ponto, consideremos que os intelectuais, compostos por políticos, médicos, advogados, professores eram, em sua maioria homens brancos, conhecedores da moderna ciência mundial e pessimistas com relação às questões raciais, já que influenciados pelo racismo científico, acreditavam na inferioridade da raça negra e na degenerescência dos mestiços. Esta premissa colocava o negro e os mestiços como os portadores de vícios, doenças e os aclamados maus hábitos que prejudicavam a evolução do país. Sobre este fato, Stepan (2004, p. 355) nos esclarece:

"A eugenia foi profundamente estruturada pela composição racial e pelas preocupações raciais do país. Referia-se à raça e ao aprimoramento racial e não à classe. Isso porque concentrava suas atenções às doenças que eram vistas como particularmente prevalentes entre os pobres, vale dizer, entre a população principalmente negra e mestiça. Essa população era percebida como ignorante, doente e cheia de vícios, com altas taxas de alcoolismo, imoralidade, mortalidade e morbidade. Se na cena pública a literatura eugênica utilizava a palavra raça invariavelmente, no singular, para referir-se ao 'povo brasileiro', na esfera privada ela significava a 'raça negra'".

Isto posto observamos o cunho racista do pensamento e conseqüentemente das ações eugênicas no país. Ao racializar as doenças e os males para a formação do povo brasileiro, percebemos o quanto as conseqüências da desordem na saúde pública e na infraestrutura urbana foram atribuídas à comunidade negra. Os intelectuais que agiam na busca de uma solução para a

mestiçagem, que "degenerava a raça, o povo e Brasil" (Santos, 2008, p. 91), estavam cientes deste fato, visto que essa era a premissa do pensamento científico, a inferioridade das raças não brancas provinha da presença do sangue negro africano. Logo, neste período, tratar dos males da miscigenação, seria dissipar a herança negra da sociedade, e nisso estava incluído, além da aparência física, a cultura e inserir no âmago da população negra e mestiça, os costumes e conhecimentos considerados civilizatórios. Para tal fim seria necessário o branqueamento do povo brasileiro, gradualmente por meio de relações inter-raciais, da aculturação e das ações eugênicas, dissimulando esta premissa racial no campo da saúde e da educação, escalonando a educação, a reforma social e o saneamento como "resposta ao problema nacional", tangenciando a questão racial (Stepan, 2004).

Belleza X Fealdade: A beleza eugênica no início do século XX.

Além de ser hierarquizada como inferior, a população negra, em razão de seus fenótipos, possuía um grande distanciamento do que era considerado belo. A beleza em 1930 era atrelada, além da conformidade e harmonia das formas físicas, ao caráter moral e espiritual, assim como a uma série de características fenotípicas que traziam a semelhança ariana como ponto a ser alcançado. A mestiçagem gerada a partir da intensa miscigenação era preocupação, como diz Stepan (2004, p. 337), das "elites educadas", que viam como "influência negativa a herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira" (Munanga, 2008, p. 48). E foi desta forma que acreditaram que a eugenia seria a ciência capaz de transformar as características negativas, fornecendo saúde e beleza à população. Segundo Flores (2007, p. 62), para o médico Renato Kehl² "a fealdade não é um atributo natural da espécie humana; corresponde a um desequilíbrio provocado por diversas causas, como a doença e a degeneração. Pela ação da primeira se fica feio; pela ação da segunda se nasce feio". Para ele, a fealdade era evitável.

No Brasil, um país considerado degenerado e feio na visão internacional, a cultura de raça se estabelece como mecanismo necessário para a evolução da população brasileira. Esta evolução surgiria, portanto, do embelezamento do povo através de novos cruzamentos inter-raciais, que permitiriam a anulação dos caracteres negros da população e também por meio da ação eugênica. O investimento nos cruzamentos inter-raciais foi iniciado com o ideal de branqueamento que, juntamente com a política de povoamento do interior do país, permitiu a imigração de europeus, que

² Médico eugenista, um dos principais representantes do campo eugênico no país. "Desde as primeiras décadas do século XX até a data de sua morte (1974), ele esteve envolvido com o debate sobre a pertinência da eugenia como o remédio para os vários males da sociedade brasileira. Participou da fundação de associações, organizou congressos e criou periódicos que promoviam a divulgação das ideias sobre regeneração racial e social do país" (Santos, 2008, p. 11).

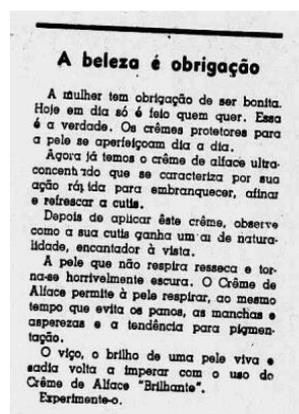
devastados pela Primeira Guerra, vieram ao país em busca de oportunidades de emprego e de nova vida.

O investimento a ser realizado por meio de ações eugênicas se instalaria no país durante o início do século XX com os médicos eugenistas considerando a sua ciência como capaz de transformar o feio em belo, determinando que para isso fosse necessário investimento em saúde e educação, além de outros procedimentos com relação à vida privada, como a regulação de casamentos e até mesmo a esterilização dos considerados incapazes, a fim de que a imagem desta população alterasse assemelhando-se a dos países considerados civilizados.

Esta política da beleza integrava os discursos sobre nação, raça e corpo, e exigia de seus defensores uma unificação onde a criação da nação estaria em conformação com a aglutinação de etnias e línguas em torno de uma única cultura nacional. Com base nesse argumento, "a nação, o nacionalismo e a etnia têm, na origem, o controle do corpo para transformar grupos heterogêneos em comunidades nacionais baseadas nos critérios da unicidade da língua, do território, da história e da cultura" (Idem, p. 72). Segundo a autora, a nação seria uma "forma política na dimensão do corpo, um fenômeno cultural de intervenção sobre o corpo do indivíduo para forjar o corpo coletivo da nação".

O discurso sobre a Mulher Bela

A eugenia como metáfora de saúde, traz à tona a relevância do poder médico neste período, "a ciência assumiria status de verdade, atribuindo-se um poder total de organização, obtendo um importante papel na criação do imaginário de um Brasil moderno e na produção de representações e identidades" (Santos, 2006, p. 316). A divulgação da eugenia na literatura com Monteiro Lobato e na grande imprensa com seus boletins e artigos em revistas médicas, demonstra a maneira como esta ciência cativou a parcela letrada da população, formando opiniões e visões sobre a sociedade baseadas em suas teorias, elevando assim a capacidade de disseminação e aceitação de suas normas.



Revista da Semana, nº31, 1945,

A imagem acima é um recorte da publicidade do “Crème de Alface” veiculado no periódico Revista da Semana. Este periódico tinha como característica matérias e colunas que visavam atender ao público feminino. Na mensagem da publicidade podemos perceber claramente as contribuições da ideologia eugenista para a conquista da beleza. Em: “A pele que não respira resseca e torna-se *horrivelmente* escura” (grifo nosso), constatamos a ênfase na qual a pele “escura” é reafirmada na categoria da feiúra, assim como no trecho anterior: “[...] que se caracteriza por sua ação rápida para *embranquecer, afinar* e refrescar a pele”, percebe-se a intencionalidade na descrição do benefício proporcionado pelo creme, “embranquecer”. Assim os discursos eugênicos eram disseminados na sociedade letrada influenciando direta e indiretamente as práticas discursivas do senso comum.

Um “precioso par” para sua Beleza.

O “Ardena Creme de Limpeza” unido ao “Ardena Tônico para a Pelle” constitui o precioso par que Elizabeth Arden recomenda para sua beleza.

Com o uso constante desses dois preparados de Elizabeth Arden, sua *cútis* estará profundamente limpa, isenta de todas as impurezas

—

Seu rosto tornar-se-á alvo e aveludado e uma nova beleza será a sua recompensa.

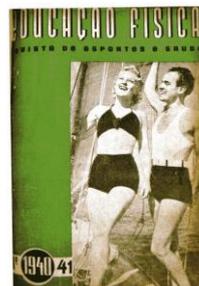


Revista da Semana, nº31,

Na imagem acima podemos constatar, por meio da transcrição, mais um exemplo das influências dos discursos eugênicos na publicidade. Esta publicidade também foi encontrada no periódico Revista da Semana. Verificamos no trecho final da propaganda dos “preparados de Elizabeth Arden” o propósito a ser alcançado pelas usuárias: “Seu rosto tornar-se-á alvo e aveludado e uma nova beleza será a sua recompensa”. O rosto alvo, a tez aveludada era considerada o ápice da beleza eugênica, representando não só a beleza como também saúde, status, riqueza e limpeza (Sant’Anna, 2014, p.64), o que poderia comprovar a eficiência da ciência eugênica.



Revista Educação Physica, 1936.



Revista Educação Physica, 1945.

(83) 3322.3222

contato@enlacandosexualidades.com.br

www.enlacandosexualidades.com.br

O tipo de beleza então almejado para o Brasil era o do normotipo de mulheres brancas, tanto que, segundo Sant'Anna (2014, p. 64), "a concepção de que a pele alva era a mais bela aparecia sem constrangimentos nos concursos de misses e em muitos anúncios publicitários". Cabia às típicas brasileiras buscar auxílio por meio da higiene, educação e eugenia para que se tornassem belas. O referencial da Antiguidade clássica como ideal de beleza, estava implícito na revista, não só por meio das ilustrações, mas também pela maneira com que os corpos eram dispostos nas fotos, principalmente os corpos femininos. Reiteramos, juntamente com a autora, que toda escolha estética é também uma escolha política e, portanto, a predileção por um perfil estético somente expressa o posicionamento político da revista em enaltecer uma parcela da população como foco de apreciação e julgamento estético, por fim, aquele que os governantes almejavam como futuro para o país.

A beleza negra no Brasil do início do século XX

A beleza para a classe intelectual representante da educação física muito se identificava com a defendida pelos eugenistas, como descrito por Silva e Goellner (2008, p.253), os corpos belos que eram representados nos textos "dão forma aos imperativos de pele lisa e branca, das coxas bem torneadas, do abdômen e das ancas firmes, resultado de apropriada exercitação física". Desta forma, a beleza a ser cultivada pela mulher deveria, por sua responsabilidade, estar atrelada a esse padrão imagético, que encenava o desejo masculino e reafirmava as concepções sobre os lugares e comportamentos femininos. As mulheres deveriam ser belas, femininas e maternais.

A estética construída no Brasil no início do século XX rechaçava a população negra e impregnava-os de estereótipos que acabariam por dificultar a sua mobilidade social. A partir das descrições de como deveria ser o perfil estético de homens e mulheres, percebemos esta exclusão. Como manter a boa distribuição da pigmentação da pele, andando e lavando roupas ao sol? Como manter a forma de pés, mãos e unhas caminhando com chinelinhas ou descalços?

A população negra e pobre ainda exercia funções urbanas nas quais se mantinha em contato com o solo e com o sol, além do fato de não possuírem renda para adquirir as vestimentas que caracterizavam famílias bem afortunadas, como calçados, chapéus e casacos. No período pós-abolição ainda encontrávamos a população negra em estado de pobreza, pois havia dificuldades em serem aceitos no mercado de trabalho em detrimento dos imigrantes europeus, pois estes estavam nas ocupações com melhor remuneração.

O perfil construído como modelo era espelhado, sim, na classe média branca burguesa onde mulheres e homens, como descreve Sant'Anna (2014, p.22), utilizavam a vestimenta como mecanismo de identificação de sua classe social, pois "era possível conhecer os níveis de

rusticidade ou refinamento por meio das mãos e dos pés: calejados, com dedos esparramados ou alongados, provavam o lugar social de cada indivíduo, revelavam sua força ou fragilidade". De acordo com a autora, a roupa diária revelava os ofícios e as profissões. Assim, a construção da beleza brasileira pode ter sido constituída tanto histórica como socialmente e ainda ter ocasionado uma racialização. Isso porque, a depreciação da estética de mestiços e negros associada à sua condição de subalternidade pode ter influenciado o julgamento estético, transformando-os em potencialmente portadores de fealdade. As marcas corporais, as expressões que poderiam caracterizar o corpo desta classe social seriam como referenciais para a feiura e a pobreza no olhar do outro, a classe dominante.

Cientes deste complexo de práticas discursivas que reafirmavam o imaginário social, as comunidades negras do início do século XX empenham-se em constituir uma nova imagem para cidadãos e cidadãs negros. Como componentes da sociedade brasileira, utilizavam as mesmas premissas da classe dominante. Vestuário, comportamentos, atitudes corporais, modos de ser e estar, os códigos utilizados eram reproduzidos e adaptados pautando em seus companheiros, negros, as necessidades para o reconhecimento social almejado. Assim, associações e organizações foram criadas com o fim de auxiliar negros e negras em sua integração na sociedade paulista por meio da amenização das hostilidades com posturas que refutassem os estereótipos existentes.

Inúmeras iniciativas foram realizadas, nos ateremos a uma delas: os concursos de beleza. As organizações negras realizavam os concursos com o objetivo de enaltecer e valorizar a beleza de suas mulheres, mas também, instituir uma beleza cívica que viesse a representar toda a comunidade negra. A exemplo dos concursos de misses que ocorriam nas comunidades brancas, os jornais da imprensa negra no início do século XX promoveram seus concursos e estampavam em suas páginas as lindas moças negras vencedoras. Observamos então estas publicações em dois momentos diferentes. Uma em 1930, no Jornal Progresso, no qual a vencedora Malvina Alves não teve sua imagem veiculada somente sua fala transcrita pela reportagem.

Podemos visualizar, então, as imagens de Beatriz X. de Carvalho, segunda colocada e de Evangelina X. de Carvalho, quarta colocada. Ao analisarmos as imagens percebemos pequenas semelhanças com as publicidades mostradas anteriormente. A postura das moças nos passa a impressão de comedimento, doçura e a imagem de moças recatadas e cultas, estão com vestimentas que não expõe seu corpo e até mesmo suas feições estão dispostas a não insinuar nenhum tipo de malícia ou sorriso. Neste sentido, constatamos o esforço em publicizar uma imagem diferente daquela oferecida pela literatura e pelos antigos anúncios sobre escravizados. Claramente uma

tentativa de empossar as mulheres negras como representantes das comunidades negras, desmitificando os estereótipos criados e ressignificando a imagem, acrescentando a beleza e a doçura até então negadas.

= Miss Progresso =

Precisamos cuidar das moças de côr. - flores que estiolam sob o peso do trivial nas estufas senhorias, diz-nos a senhorinha Malvina Alves

A senhorinha Beatriz X. de Carvalho - requer à mulher preta, uma oportunidade para "por à prova a sua indelicada capacidade de inteligência"



Beatriz X. de Carvalho

que com apertados vestidos alça-se e afilada de ser "Miss Progresso"

O resultado do nosso Concurso de Beleza, talvez surpreenda vossas senhoras, como nos surpreendeu também. Sabíamos de cabeça dos grupos que se formaram, mas não conhecíamos a sua situação a nível local. Quando procedíamos, perante os interessados, a abertura do concurso, fizemos uma avaliação de votos que mandou por completo a relação conhecida, ficando assim, assim dispostos:

Malvina Alves	201
Beatriz X. de Carvalho	153
Leiteia de Silva	176
Evangelina X. de Carvalho	174

Depois de assignada a acta do concurso, transportamos-nos, para a residência da senhorinha Malvina Alves, na Avenida Angélica, para lhe dar a grata nova.

— Não é com orgulho, — diz nos a senhorinha Malvina, — que recebo o título de *Miss Progresso*, mas com satisfação, porque sei cheio de responsabilidades.

Toda a mulher gosta de sacrifícios. E a faixa symbolica é uma cruz.

Sou grata aos srs, em marcar-me assim, para que vejam em mim, especialmente as minhas colleguinhas, não um typo de belleza, mas a imagem apagada, que encarna todas as virtudes da abnegada Raça Negra, a que pertenco prazeirosamente!

E os lindos olhos de *Miss Progresso*, como dois cysnes pretinhos, nadavam em lágrimas.

— Chora, porque?!

— Não pela honra de que me investiram e nem por mim, — como disse o Divino Mestre - mas pela minha gente, e em particular pela mulher preta, que deve ser tratada com melhor carinho" (Jornal PROGRESSO, fev 1930, p. 05).

Evangelina X. de Carvalho

que se leve a ser *Miss Progresso*

— Não é com orgulho, — diz nos a senhorinha Malvina, — que recebo o título de *Miss Progresso*, mas com satisfação, porque sei cheio de responsabilidades.

Toda a mulher gosta de sacrifícios. E a faixa symbolica é uma cruz.

Sou grata aos srs, em marcar-me assim, para que vejam em mim, especialmente as minhas colleguinhas, não um typo de belleza, mas a imagem apagada, que encarna todas as virtudes da abnegada Raça Negra, a que pertenco prazeirosamente!

E os lindos olhos de *Miss Progresso*, como dois cysnes pretinhos, nadavam em lágrimas.

— Chora, porque?!

— Não pela honra de que me investiram e nem por mim, — como disse o Divino Mestre - mas pela minha gente, e em particular pela mulher preta, que deve ser tratada com melhor carinho" (Jornal PROGRESSO, fev 1930, p. 05).

Jornal Progresso, ano II, n.21, fev.1930, p. 03

Em seu depoimento, Malvina Alves expõe com clareza o que representa ser uma mulher negra escolhida Miss Progresso e inclusive nos oferece pistas sobre a não veiculação de sua fotografia, vejamos:

"— Não é com orgulho, — diz nos a senhorinha Malvina, — que recebo titulo de a Miss Progresso, mas com satisfação; porque sei cheio de responsabilidades.

Toda a mulher gosta de sacrifícios. E a faixa symbolica é uma cruz.

Sou grata aos srs, em marcar-me assim, para que vejam em mim, especialmente as minhas colleguinhas, não um typo de belleza, mas a imagem apagada, que encarna todas as virtudes da abnegada Raça Negra, a que pertenco prazeirosamente!

E os lindos olhos de Miss Progresso, como dois cysnes pretinhos, nadavam em lágrimas.

— Chora, porque?!

— Não pela honra de que me investiram e nem por mim, — como disse o Divino Mestre - mas pela minha gente, e em particular pela mulher preta, que deve ser tratada com melhor carinho" (Jornal PROGRESSO, fev 1930, p. 05).

Percebemos então a relevância em se preservar a imagem da mulher negras assim como o reconhecimento de seu valor enquanto representante da “abnegada Raça Negra”.

Em nosso segundo concurso de beleza selecionado ocorre alguns anos depois no Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro possuía uma característica diferente de São Paulo, pois por ser a capital da República, mantinha em sua rotina, uma compreensão de convivência harmoniosa entre os grupos

raciais. Com isso as tensões raciais eram amenizadas na boemia, nas rodas de sambas e nos bares (Silva, 2015).

O concurso em questão é o Boneca de Pixe realizado em 1947 e o Rainha das Mulatas realizado em 1949. Os nomes destes concursos foram idealizados com o intuito de ressignificar adjetivos pejorativos utilizados como insulto racial, foram modelados de forma a serem sinônimo das belas moças negras cariocas. As imagens das vencedoras destes concursos foram divulgadas tanto no jornal das comunidades negras, no caso o Jornal Quilombo, como na grande imprensa.

Com mais uma década de diferença, as moças cariocas mostram-se diferente em suas representações. Além das fotografias serem de momentos de espontaneidade, as atitudes corporais são demonstradas de maneira mais livre. O ar recatado e comedido abre espaço para braços ao ar, alegria, sorrisos, roupas que possam expor a beleza da voluptuosidade das mulheres negras, faixas e coroas e tronos. Verdadeiras rainhas da população negras. Genuínas representantes do povo brasileiro como era almejado no período.



Mercedes Baptistas, Rainha das Mulatas, 1947;
Jornal Quilombo, ano I, n. 1, 1948.



Maria Aparecida Marques- Rainha
das Mulatas 1948; Revista
Momento Feminino, n.24, 1948.



Maria Tereza- Boneca de Pixe,
1948; Revista Momento Feminino,
n.41, 1948, p.07.



Candidatas ao primeiro concurso de beleza negra realizado no Brasil, a 13 de maio de 1947, vendo-se na extrema direita a vitoriosa, sta. Mar'a Tereza, eleita "Boneca de Pixe" do ano

Maria Tereza, Boneca de Pixe, 1947; Jornal Quilombo, ano I, n. 2, 1949.

Como pudemos observar as nuances dos contradiscursos das comunidades negras, paulistas e cariocas à hostil ideologia eugenista se deu na reconstrução de modelos imagéticos de beleza e negritude. Em uma nova significação sobre o ser negro no Brasil, sobre como viver e sobreviver aos impasses impostos pelo racismo estrutural. No início do século XX muitas teorias e ideologias ganharam corpo no Brasil, em sua maioria com a intenção de encaminhar o país nos passos do progresso e da modernidade que já se fazia no exterior. Os caminhos escolhidos pelos dirigentes políticos, intelectuais e da área da saúde foram aqueles que mais trariam custos a enorme contingente da população. É certo que muitos deles acreditavam em uma regeneração da raça, na não inferioridade do negro, mas todos estiveram empenhados em um projeto de nação que desenhava um destino com a ausência da população negra.

Por esta razão consideramos de extrema importância a visibilização das estratégias discursivas elaboradas para o bem viver, ou ainda o sobreviver, desses antepassados, marcados pela memória da escravidão, estigmatizados pela ciência e inferiorizados socialmente. Percebemos em nossa pesquisa as modificações nas imagens e nas práticas discursivas em relação ao tempo e também em relação ao que se pretendia enquanto representação. A alegria, vitalidade e beleza oferecida pelas moças vencedoras do concurso Boneca de Pixe e Rainha das Mulatas, revela a profundidade da diferença no reconhecimento social pautado nas demandas exclusivamente da população negra e demandas pautadas na integração na sociedade branca. Não fazemos aqui um movimento de crítica ou oposição entre as duas, apenas ressaltamos a modificação nas maneiras de ser e estar na sociedade brasileira em transformação.

Referências:

- ALBERTO, Paulina L. "A Mãe Preta entre sentimento, ciência e mito: Intelectuais negros e as metáforas cambiantes de inclusão racial, 1920-1980." In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (Org). **Políticas da raça: Experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014, p.377-401.
- BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: Discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCAR, 2015.
- DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura: Política social e racial no Brasil - 1917-1945**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- FLORES, Maria B.R. **Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza**. Chapecó: Argos, 2007.

- GOMES, Flávio. **Negros e Política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GOMES, Nilma. L. **Sem perder a raiz: Cabelo e corpo como símbolos da identidade negra**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MAUSS, Marcel. "As técnicas do corpo". In: _____. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naif Editora. 2005, p. 399-422. Disponível em: <<http://editora.cosacnaify.com.br/Upload/Produto/1/0/7/1/4/sociologia%20e%20antropologia.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- _____. **Negritude: Usos e Sentidos**. São Paulo: Editora Ática. 1988.
- PARADA, Maurício. **Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2009.
- POSSENTI, Sírio. "Análise do Discurso: Um caso de múltiplas rupturas." In: MUSSALIN, Fernanda, BENTES, Ana C. (Org.). **Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 353-392.
- SANT'ANNA, Denise B. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANTOS, Ricardo A. "Estado e eugenismo no Brasil". In: MENDONÇA, Sônia R. **Estado e historiografia no Brasil**. EDUFF, 2006, p. 311 - 321.
- SILVA, André I; GOELLNER, Silvana V. "Sedentárias e coquettes à margem: corpos e feminilidades desviantes na obra de Renato Kehl". **Revista Pensar a prática**, v. 01, n.03, set -dez, 2008. p.251-259.
- SILVA, Joyce G. **Nós também somos belas. A construção social do corpo e da beleza em mulheres negras**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Relações Étnico-raciais, CEFET/RJ, 2015.
- STEPAN, Nancy L. "Eugenia no Brasil, 1917-1940". In: HOCHMAN, G. e ARMUS, D. (Orgs.). **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2004. p. 331-391.